

CORPO-LINGUAGEM, LINGUAGEM-CORPO¹

Atilio Butturi Junior

Doutor em Linguística.

Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Jair Zandoná

Doutor em Literatura.

Realiza estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Renata Trindade Severo

Doutora em Estudos da Linguagem

Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS) Porto Alegre/RS, Brasil

Realiza estágio de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Linguística

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

INTRODUÇÃO

Michel Foucault (2013a) inicia seu *Vigiar e Punir* com uma descrição minuciosa do suplício de um corpo. Damiens, parricida condenado em 1757, aparece ali como marcador da ordem régia e de um poder de morte, espetacularizado no corpo do condenado esquartejado e lançado ao fogo. No entanto, o corpo de então era apenas uma marca do rei, não um problema em si mesmo. Foucault (2009 [1975]) ensinará que é apenas no século XIX que o corpo se tornará um objeto de disputa, de saber e de poder. Esse investimento do corpo, então, será uma espécie de modelo com que o filósofo enfrentará os deslocamentos do poder e suas formas cada vez menos rígidas – “[...] as sociedades industriais [a partir dos anos sessenta do século XX] poderiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo” (FOUCAULT, 2009 [1975], p. 148).

Abrimos este texto – que é também uma abertura, um *mise-en-abyme* – com Michel Foucault a fim de estabelecer uma relação e um deslocamento. A primeira, que diz respeito à centralidade do corpo, em suas mais diversas aparições e tratamentos teórico-metodológicos, cujo vértice é a problematização com a linguagem. A segunda, a de um deslocamento dos

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, por meio de bolsa de pós-doutoramento concedida a Jair Zandoná, do CNPq, por meio de bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida a Atilio Butturi Junior, e com o apoio do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Processo nº 23368.002516/2019-43, por meio do afastamento para estudos concedido a Renata Trindade Severo para realização de estágio de pós-doutoramento no PPGLin/UFSC.

objetos que, nas ditas Ciências Humanas, na Filosofia e, finalmente, nos estudos discursivos, permite que o corpo – e as corporalidades e os novos materialismos – tome aquele espaço genealógico que solicitava Foucault (2009 [1971], p. 22): “O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume de perpétua pulverização”. É esse deslocamento a que ainda assistimos e que, desde a década de setenta, tem se avolumado nos campos de estudo que açambarcamos com a publicação deste número.

Queremos, sob a égide dessas duas problemáticas, lançar um olhar (essa forma metonímica da presença corporal) sobre o corpo como objeto de pesquisa, mas também sobre o corpo em sua potência epistêmica, que faz com que se desloquem práticas de saber e conhecimento. É nesse sentido que reunimos os dezenove artigos e a entrevista deste número e é segundo as urgências que levantam que leremos o corpo segundo três ordens: i) das relações entre poder, materialidade e tecnologias; ii) das relações entre linguagem, enunciação e corpo; iii) das relações entre as corporalidades, o gênero e suas intersecções.

TECNO-BIO-CORPO

Além da presença da genealogia de Nietzsche, dois outros textos foram fundamentais para incluir o corpo como questão para o século XX. Foucault (1994 [1963]), já em *O Nascimento da Clínica*, dirá que a partir do século XVIII o primeiro acesso ao homem como objeto do conhecimento se deu a partir da possibilidade de observar o corpo morto na anatomia e que esse deslocamento reverberou em áreas tão distintas quanto a filosofia e a literatura – daí, o duplo “homem e morte”. Depois de Nietzsche, a cisão entre corpo e alma cara à filosofia daria lugar, por um lado, à leitura de uma história que é cinza, inscrita na memória dos monumentos (FOUCAULT, 2009 [1971]) contra a transcendência do sujeito do conhecimento e, ainda, à dissolução da interioridade numa relação corporal: – “e, de fato, é ao estômago que o ‘espírito’ mais se assemelha” (NIETZSCHE, 2002 [1886], p. 150).

Uma lacuna temporal vai, porém, ser lançada sobre as investigações acerca/do/com o corpo. No século XX, a antropologia e a filosofia voltarão paulatinamente a ele. Em 1934, Marcel Mauss publicara o seu *Técnicas do Corpo* que aponta para os atos repetidos e para o habitus que conformam modalidades específicas de corpo, visto como “[...] o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem [...]” (MAUSS, 2003 [1934], p. 407). Essa imposição de técnicas é também um princípio de classificação dos homens e de suas atividades – uma forma de moldar e esquadrihas corporalidades.

Já no campo da filosofia – mais exatamente, da fenomenologia, quase um antípoda da arqueogenealogia de Foucault, Merleau-Ponty vai chegar ao corpo justamente questionando a percepção do mundo. Se a percepção é indeterminada e não pode ser reduzida ao que chega aos olhos, é preciso fazer uma inversão a fim de perscrutar esse “mais”. Daí aparece o corpo, que o filósofo desloca do cartesianismo e seus derivados, como a biologia: “[...] o cartesianismo, querendo ou não, inspirou uma ciência do corpo humano, que também o decompõe num entrelaçamento de processos objetivos, prolongando essa análise, juntamente com a noção de sensação, até o “psiquismo”. Ambas as idealizações são solidárias e devem ser destruídas juntas (MERLEAU-PONTY, 2009 [1962], p. 36).

Merleau-Ponty solicita um gesto em relação à objetividade: questionar o *what* ou o *that* que incidem sobre o corpo e pensá-lo a partir de um vínculo primeiro e necessário com o mundo. Nesse caso, a percepção é sempre situada num mundo a partir de um corpo – num movimento de incorporação, de *embodiment*. Conhecer, então, está na dependência dessa relação necessária: “[...] the knower is embodied” (DREYFUS; RABINOW, p. 166).

Essa noção de *embodiment* será fundamental para as problematizações do corpo. É, aliás, um mote central das discussões sobre os limites da normalização, por um lado, e sobre a intrincada dualidade entre o corpo material e a linguagem – que encontraremos entre aqueles autores caros ao campo de estudos desta edição, como Foucault, Butler ou Benveniste. Como descreve Crossley (1996), não obstante as diferenças entre Ponty e Foucault, sobretudo relacionadas ao papel histórico e social nas práticas de disciplina e controle que abundam no segundo, é na produção de um *body-subject* (em Ponty) e na dissolução dos dualismos que ambos convergem, naquilo que oferecem como condição de existência para o acontecimento da corporalidade.

Gostaríamos, a partir desse panorama brevíssimo, de pontuar os dois problemas que já enunciamos na filigrana: o primeiro, o da normalização e das regulações biopolíticas. Se, com Foucault (2010), estamos na senda de um corpo duplo, ao mesmo tempo social e individual sobre o qual as relações de poder e saber são instituídas, é mister repensar o papel das tecnologias que sustentam esse corpo vivo. Fazer viver, então, deve ser tomado da perspectiva de uma biopolítica ampliada, segundo a ordem de uma tecno-vida que, no limite, coloca em xeque os limites da própria biologia. Estamos aqui na senda aberta por Preciado (2008) ou Lazzaratto (2006), no interior do tecnobiodiscursivo (BUTTURI JUNIOR, 2019). É dessa perspectiva que poderemos ler algumas contribuições deste número, como as de Aline Cristina de Souza Folloni e Nívea Rohling, que se volta para a materialização do corpo pelos dispositivos fotográficos e por sua presença on-line; ou as de Lucília Maria Abrahão e Sousa,

Dantielli Assumpção Garcia, Maria Eduarda Alves da Silva e Elaine Pereira Daróz, que se voltam para as imagens da moda – a grife *Think Blue* – como possibilidade de resistir a partir de uma inscrição tecno-corporal onde a indumentária tem papel destacado.

Ora, este primeiro problema redundando num segundo: no papel da linguagem na constituição dos *embodiments* tecno-corporais. Talvez seja Butler (2020) a que tem enfrentado os limites dos efeitos construtivistas que os agenciamentos do corpo e das subjetividades incorporadas deixam entrever nas problematizações do discurso e da performatividade. Dito de outro modo, o que está em jogo aqui é tanto um determinismo – cuja injunção é a linguagem como construção de mundos irreduzível – quanto a própria expulsão da materialidade corporal. Para os dois casos, aparecem os debates dos novos materialismos, cuja centralidade está na reivindicação de outros agentes – corpos, máquinas, instrumentos – que não apenas a linguagem-discurso-poder (BARAD, 2017; MEISSNER, 2017).

Como se vê, estamos sempre no limite do dizer o corpo. De outro modo, ao dizê-lo, de criar uma espécie de ilusão transcendental: um corpo impossível a que não se tem acesso. Diante dessa bifurcação, o que as análises fazem é pensar nos regimes de existência dos corpos, em sua intersecção com a linguagem e a biopolítica.. Assim é que aparecem, neste Dossiê, os corpos negros capturados em exceção na pintura *Libertação dos Escravos*, de 1889, tema do texto de Walker Douglas Pincerati, e os corpos em sua relação com o vírus da COVID-19: lidos a partir dos dispositivos-máscara inscritos na disputa legal que apresenta Bruno Deusdará, nos limites entre o corpo que adoce e a norma escrita; nos dispositivos legais que normalizam os corpos das mulheres durante a pandemia, como descreve o artigo de Bianca Franchini da Silva; e na materialização da disputa corpo-classe que se dá nas redes sociais, tema do artigo de Arthur Vinicius Anoroza Nunes. Ou, ainda, os corpos enunciados no projeto *Não tem cabimento*, às voltas com a produção de discursos sobre a gordofobia, descritos no artigo de Virginia Barbosa Lucena Caetano e Luciana Iost Vinhas.

Como se verá, naquele espaço de uma linguagem e de um discurso, especificamente, também sonda – fantasmaticamente – um corpo. É desse corpo-enunciador que trata a próxima seção.

CORPO-ENUNCIADOR

Pensar corpo e enunciação pressupõe, em diferentes medidas, as relações corpo-discurso, corpo-língua e corpo-linguagem – cada uma dessas relações pode ser abordada em quadros teóricos variados histórica, geográfica e epistemologicamente e mobiliza conceitos e

percepções sensivelmente heterogêneas. O sujeito da enunciação, se entendermos enunciação pelo viés benvenisteano, é um sujeito de linguagem que se deixa notar linguisticamente ao apropriar-se da língua e enunciar-se “eu” em direção a um “tu” (BENVENISTE, 2005). Apesar de mostrar-se na e pela língua na forma “eu”, esse sujeito, que se confunde com a própria categoria de pessoa, não é apenas linguístico, ele é um sujeito de linguagem, que tem existência também fora dela – é o próprio Benveniste quem nos alerta: “A instalação da ‘subjetividade’ na linguagem cria na linguagem e, acreditamos, **igualmente fora da linguagem**, a categoria de pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 290, grifos nossos). A corporalidade desse sujeito, no entanto, não é tematizada no pensamento do linguista sírio. O corpo do sujeito que se enuncia só aparece, por assim dizer, nos detalhes: como referência na localização em relação aos dêiticos, como alteridade em relação ao *tu* do interlocutor, como corpo que sente na paixão que o mobiliza a enunciar(-se) (COQUET, 1997).

A enunciação tomada como momento de produção do discurso ou acontecimento de linguagem é também referida como evento evanescente: seu caráter efêmero e a intangibilidade da língua são reforçados nessa expressão que pode criar a impressão de que a enunciação é incorpórea, emissão pura, sem origem em um corpo. Assim, pensar o corpo em relação à enunciação – enquanto instância de produção do discurso, não enquanto teoria linguística – exige um aparato teórico complexo, que convoque olhares a partir de perspectivas outras, capazes de lançar luz sobre aspectos obscuros. Dentro do quadro do pensamento benvenisteano, a semiologia esboçada no Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 2004), ou CLG, e retomada por Benveniste ao final de sua vida acadêmica (BENVENISTE, [1969] 2006) nos dá pistas (SEVERO; BARBOZA, 2020) para essa abertura. Ao postular que os sistemas de significação relacionam-se à linguagem e são interpretados pela língua, essa semiologia convida a se pensar esses outros sistemas e a(s) maneira(s) como significam, inclusive, na enunciação. O **intentado**, a ideia que se quer expressar na enunciação (BENVENISTE, 2006), é o que integra esses sistemas em prol de um querer dizer que se manifesta não apenas e nem sempre linguisticamente.

Pensar “enunciação” – nomeando-a ou não –, por estranho que possa parecer, não é exclusividade das pesquisadoras do campo enunciativo. Enquanto esse último diz respeito a arcabouços teóricos ancorados em pensadores como Émile Benveniste, Mikhail Bakhtin ou Michel Pêcheux – para citar apenas os mais eminentes –, a enunciação como evento de produção do discurso pode tornar-se objeto de campos variados, inclusive estranhos à linguística enunciativa. Ao pensar o corpo-terreiro, Nina Fola propõe um corpo que significa em um âmbito específico, o dos terreiros da Nação, religião afro-gaúcha (ORO, 2008) dos

Orixás. Associando-se presença a enunciação² (SOUZA, 2018), temos que esse corpo torna-se ato enunciativo constante, em uma instância de discurso marcada por coordenadas precisas. É o corpo enquanto origem da intersubjetividade independentemente da língua, mas não da linguagem, um corpo-enunciador.

O corpo que se produz no tensionamento entre unificação e dispersão enuncia-se no seu movimento no mundo. Colocar seus corpos em movimento é o ato que instaura esses sujeitos na linguagem, gesto que não se esgota no linguístico. Gabriela Barboza nos mostra as marcas discursivas de unificação e dispersão que dão contornos móveis aos corpos das e dos malucas/malucos de BR.

Já o corpo explicado que Marcelo dos Santos Mamed nos apresenta é introduzido no discurso heterogêneo (AUTHIER-REVUZ, 1990) de profissionais da saúde. De maneira que, já que não se enuncia, mas é enunciado, está presente à maneira de um ele, a não-pessoa (BENVENISTE, 2005) silenciosa.

No extremo oposto ao silêncio de um ele, a presença do corpo-travesti de Érika D’Luna grita. É um corpo que se enuncia ruidosamente em sua diferença. Se o locutor se apropria da língua para tornar-se sujeito e faz da língua a sua língua (BENVENISTE, 2005), no artigo de Aline Ferraz da Silva observamos o corpo de Érika ao apropriar-se de algo que torna seu enquanto produz-se em Corpo sem Órgãos (DELEUZE; GUATTARI, 2012) em uma relação de intersubjetividade sob o signo de um desafio que o eu lança ao tu: decifra-me.

A poeta Audre Lorde (2019), pensa o caminho entre significados produzidos no e pelo corpo em seu interior escuro e profundo e sua vinda à superfície em forma de poema. Essa enunciação que cria sua própria linguagem é analisada no artigo de Renata T. Severo a partir da perspectiva da semiologia benvenistiana.

Que a linguagem e não a língua revele a possibilidade de enunciação é o que torna possível essa leitura alternativa de alguns dos trabalhos que compõem essa edição. Longe de desviar nossa atenção daquilo originalmente proposto pelas autoras e autores dos artigos mencionados, tal leitura busca apenas evidenciar o que poderia ser óbvio, mas não é: a enunciação – ainda que não os estudos enunciativos – está sempre em jogo, mesmo que não se fale nela. Ela pressupõe um eu que se torna sujeito ao apropriar-se de um sistema de significação, seja por meio da língua ou do corpo.

² Ressaltamos que essa associação é nossa, não feita pela autora.

Nesse cadinho, o corpo pode produzir uma série de intersecções: com o gênero, com a raça, com a classe. São as relações possíveis entre o corpo e a exterioridade, na forma de um *embodiment*, que trataremos a seguir.

CORPO-GENDRADO

Antes de nos voltarmos às intersecções desta seção, queremos fazer ainda uma rápida – mas necessária – incursão a algumas conhecidas proposições com relação à sistematização conceitual do gênero, especialmente a partir da tradução e/ou circulação de alguns textos que hoje são considerados fundamentais para o pensamento feminista – os quais contribuíram e vêm contribuindo desde os anos 1980-90 – para mobilizarmos e tensionarmos os debates em torno dessa “categoria útil para análise”, como certamente sintetizou Joan Scott em seu publicado inicialmente em 1986 e que se tornou referência no Brasil³ sobretudo a partir de sua publicação na Educação & Realidade em 1995, e que extrapola, não obstante, o campo da história. Nessa proposta de aproximação, além desse texto de Joan Scott, o marcante “A tecnologia de gênero”, de Teresa de Lauretis (1987), e o verbete-ensaio “Gênero”, de Maria Consuelo Cunha Campos, fazem parte desse exercício de revisitação do conceito/método. Ao passo que o texto de Lauretis fez-se conhecido pela tradução da professora aposentada da UFSC Susana Bornéo Funck⁴ no, hoje referência, *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura* (Rocco, 1994), livro organizado por Heloisa Buarque de Hollanda⁵, a pioneira reflexão feita por Maria Consuelo Cunha Campos, então professora na UERJ, sobre gênero integrou *Palavras da crítica*, organizado por José Luis Jobim (Imago, 1992), de maneira a marcar o termo como questão importante neste último decênio do século XX não apenas para os estudos literários, mas também para as ciências humanas⁶.

³ O campo dos estudos de gênero no Brasil é muito mais extenso e se consolidou por meio de diferentes ações e projetos e não haveria como contemplá-lo aqui. Para fins de ilustração, é possível citar, a partir da UFSC, a Revista Estudos Feministas e a série de evento do Seminário Internacional Fazendo Gênero são exemplos de projetos realizados desde os anos 1990 (cf. <https://ieg.ufsc.br/>). Ver: SORJ, 2004; PEDRO; LEMES, 2019.

⁴ Susana Bornéo Funck foi responsável por editar o número temático 14 (1985) da revista *Ilha do Desterro* A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies, intitulado “Mulheres escritoras” (disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/issue/view/618>). A apresentação elaborada por ela é especificamente interessante para situar o debate realizado nesse momento no Brasil. Uma versão traduzida desse texto foi publicada sob o título “Mulher e literatura” (FUNCK, 2016).

⁵ Responsável pela organização do volume *Pensamento feminista: conceitos fundamentais* (Bazar do Tempo, 2019), no qual também figuram os textos de Joan Scott e Teresa de Lauretis – “Gênero: uma categoria útil para análise histórica e “A tecnologia de gênero” – integram a seção “Gênero como método”.

⁶ Conforme o organizador, o propósito do livro era o de oferecer “uma ideia mais detalhada das diversas questões envolvidas na conceituação dos termos literários selecionados como verbetes”, cujos termos também são

Estamos longe de pretender mapear exaustivamente todas as discussões que permeiam essa categoria de análise, a qual está atravessada pelas concepções culturais de masculino e feminino, que formam um sistema de gênero, um sistema simbólico ou de significações que, como sugere Teresa de Lauretis “[...] relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais” de modo que, embora possa variar entre uma cultura e outra, “qualquer sistema sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade” (LAURETIS, 2019, p. 126). O que nos interessa é tomar a assertiva tão precisa de Norma Telles elaborada há quase 30 anos no verbete-ensaio “Autor+a” incluído no mesmo *Palavras da crítica*: “Gênero pode ou não importar para mim e para os outros; em nosso meio sociocultural, importa sempre.” (TELLES, 1992, p. 50).

Na análise feita por Joan Scott sobre gênero – remontando o processo e seus usos nos anos 1980 nas pesquisas historiográficas como sinônimo ou substituto para mulheres (SCOTT, 2019, p. 53-54) – lançar mão dessa perspectiva se tornaria

[...] uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 2019, p. 54).

Seu raciocínio contribui para estabelecer as relações feitas em torno do gênero considerando reprodução, patriarcado e sexualidade – e a maneira como esses vetores são mobilizados a depender dos aspectos do gênero destacados, mas que – considerando o trabalho historiográfico – acabam por oferecer diferentes perspectivas e possibilidades quanto às desigualdades de gênero. Outros elementos, como capitalismo, família, experiência doméstica, público e privado, entre outros, exigem atenção para o sistema de significados utilizados para representar o gênero e para articular regras entre as relações sociais. Daí porque Scott define gênero levando em conta a articulação entre duas proposições, quais sejam: “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 2019, p. 67). Por sua vez, o gênero, conforme argumenta, implica quatro aspectos relacionados entre si: as representações simbólicas culturalmente disponíveis; as quais estão vinculadas a conceitos normativos, “expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tipicamente tomam a forma de uma oposição binária que afirma, de forma categórica e sem

“importantes para diversas áreas das Ciências Humanas.” (JOBIM, 1992, p. 9). Integram o volume os termos: Autor, Autor+a, Cânon, Desconstrução, Gênero, História da Literatura, Ideologia, Insciente, Influência, Leitor, Literatura, Literatura Negra, Nacionalismo Literário, Popular, Tempo, Teoria da Literatura, Texto, e Tradução.

equivoco, o sentido do masculino e do feminino.” (SCOTT, 2019, p. 67); a tentativa de grupos religiosos fundamentalistas em vincular suas práticas a uma certa manutenção do que seria o papel “tradicional” das mulheres; e, por fim, a identidade subjetiva. Esses aspectos se articulam, mas não requerem ser operados simultaneamente, ao entendimento de que o “gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 2019, p. 69).

Nesse caminho, a imagem proposta por Teresa de Lauretis, para exemplificar a questão de como o sistema sexo-gênero é aderido ao corpo, quando preenchemos um formulário com nossos dados pessoais, somos rapidamente lidos e lidas com M ou F. Essa autoidentificação gruda justamente na pele, ao corpo tal qual “um vestido de seda molhado”:

a partir do momento que assinalamos o F em um formulário, ingressamos oficialmente no sistema sexo-gênero, nas relações sociais de gênero, em que fomos “engendradas” como mulheres, isto é, não são apenas os outros que nos consideram do sexo feminino, mas, a partir daquele momento, nós passamos a nos representar como mulheres. Agora, pergunto, isso não é o mesmo que dizer que a letra F do formulário grudou em nós como um vestido de seda molhado? (LAURETIS, 2019, p. 134)

Dito de outra forma, e retomando Maria Consuelo Cunha Campos, “o *sistema gênero-sexo*, enquanto constituição simbólica sócio-histórica [...] através do qual uma realidade social se organiza, divide-se e é vivenciada simbolicamente” funciona como “prisma através do qual se lê uma identidade incorporada, *modo de ser no e de vivenciar o corpo*.” (CAMPOS, 1992, p. 111, grifos do original). O corpo é chave nesse processo, considerando as relações de poder já mencionadas, não apenas ao gênero, mas à raça, às sexualidades, à etnia, à geração, às deficiências, às classes, às identidades... – e aqui a crítica feminista negra merece destaque para girar o caleidoscópio para além de uma “tradição literária feminina branca de classe média ou alta” (CAMPOS, 1992, p. 117) no que diz respeito, por exemplo, aos abalos necessários ao cânone literário⁷:

[...] nas sociedades ocidentais contemporâneas, sistemas gênero-sexo têm sido sistemas de dominação, sua utilização conceitual não pode ter apenas aspecto crítico, devendo tê-lo, também compensatório, isto é, de recuperação do excluído pela perspectiva dominante. (CAMPOS, 1992, p. 123-124).

Temporalmente, esse também é o momento em que as primeiras e revigorantes contribuições de Judith Butler (2003, 2020) chegam até nós. Primeiro, com *Problemas de gênero*, de modo que tornou o debate sobre o gênero ainda mais complicado, por assim dizer,

⁷ Não parece redundante repetir, com relação ao cânone, a observação aguçada de Maria Consuelo Campos: “Cânon androcêntrico, modos ou estratégias de leitura androcêntrica geram um círculo vicioso: o que se ensina a leitura não é o ler textos, mas, em verdade, paradigmas, tendentes à reprodução canônica de outros textos androcêntricos e à exclusão dos demais.” (CAMPOS, 1992, p. 117).

com a performatividade de gênero⁸ já em 1990 – 1993, no Brasil. Daí que as discussões que têm sido provocadas no cenário brasileiro perpassam e se vitalizam de maneira muito mais complexa. Não basta mais suscitar uma estratégia compensatória, de recuperação dos discursos dos e das excluídos/as pela perspectiva dominante. Tal como lembra Grada Kilomba – também ela muito recentemente traduzida para nós –, o ato de escrita é ato político (a escrevivência de Conceição Evaristo) “[...] um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais, tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada.” (KILOMBA, 2019, p. 28), de maneira a suscitar contranarrativas. Ir ainda além nesse giro pós-des-decolonial requer outras estratégias para que o *modo de ser no e de vivenciar o corpo*, alargando as proposições iniciais de Maria Consuelo Campos, não seja limitado ou circunscrito ao *cistema* (RODOVALHO, 2017) heteronormativo eurocentrado.

É em atenção a esse cenário, sempre tão múltiplo, que algumas das contribuições deste número especial pretendem pensar outros modos de ser e de vivenciar os corpos. Anselmo Peres Alós dedica-se ao livro de poemas *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas, publicado pela primeira vez em 2012, no qual é possível ler “[...] sobre a condição feminina, o corpo feminino e os desejos de mulheres heterossexuais e lésbicas, de modo a desconstruir estereótipos binários de sexo, gênero e sexualidade” (cf. *infra*). O romance *O meu amante de domingo* (2014), de Alexandra Lucas Coelho, é analisado por Jorge Vicente Valentim, levando em conta alguns aspectos da escritura feminina, a partir dos postulados de Hélène Cixous, considerando a protagonista, uma mulher já madura, a vida privada portuguesa, de maneira a provocar reflexões acerca do corpo-personagem e do corpo-texto.

Jair Zandoná e Bianca Rosina Mattia propõem possibilidades de leituras para o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida, para tensionar, do passado colonial, as práticas de racismo impregnadas nas dinâmicas e políticas sociais. Daí que a “descolonização do pensamento se impõe como imperativo para o começo de um novo tempo” (cf. *infra*), possível também via literatura enquanto prática de resistência (KILOMBA, 2019).

Para além da literatura, revistas femininas brasileiras e britânicas são analisadas por Gabrielle Bittelbrun e Ivana Ebel, com o propósito de estabelecer um panorama sobre a representatividade de mulheres negras e de outros grupos admitidos como minoritários, considerando também os ideais de vida e de aparência que são propostos nas páginas dessas revistas.

⁸ A tradução e circulação de sua produção se deu de modo descontínuo. Sobre isso, ver: Rodrigues (2019).

Carla Rodrigues e Gabriel Henrique Lisboa-Ponciano, em seu artigo, oferecem uma interpretação do primeiro capítulo de *A vida psíquica do poder*, de Judith Butler, que, ao retomar a filosofia de Hegel, identifica uma forma paradoxal de sujeição corporal, questão que tomam “como chave de inteligibilidade para pensar ‘o corpo infeliz’ das mulheres, tomando como paradigma a relação entre dona de casa e empregada doméstica.” (cf. *infra*)

Problematizar a (in)existência e a (re)existência de um cinema negro lésbico, motivadas pela questão central “O que que/e/r o cinema negro lésbico?” é o propósito de Alessandra Soares Brandão e Ramayana Lira de Sousa ao tentarem “entender a sobrevivência e criação de mundos em três obras cinematográficas, *Pariah*, *The watermelon woman* e *Stud life*” (cf. *infra*), na interseção entre gênero, raça e sexualidade. Corpo negro e poesia erótica de autoria feminina negra é o interesse de Luciana Borges, de maneira que “na relação entre estética e política nos projetos literários analisados, deslocamentos sobre o corpo, o prazer sexual, a autonomia, a ancestralidade e outras nuances estão presentes na reconfiguração de um contexto marcado pela histórica desumanização e objetificação do corpo feminino negro.” (cf. *infra*).

QUE CORPO?

Como se pode notar por este sobrevoo, estamos aqui diante de um questionamento em aberto: quais os limites e as possibilidades de pensar um corpo que insiste em não se inscrever? Dito de outro modo, o que o conjunto de reflexões que apresentamos oferece é mesmo uma parataxe, um não-lugar investigativo paradoxalmente inscrito necessariamente na *topia* – aquele corpo do mesmo Michel Foucault (2013b) com que abrimos este breve escrito.

Nessa investigação em curso, este número se encerra justamente com a entrevista realizada com Denise Bernuzzi de Sant’Anna, pesquisadora da PUC-SP e da FAPESP que tem se dedicado àquela topologia nietzscheana: um corpo que come, que sofre, que se embeleza. Sant’Anna afirma que o corpo “[...] é extremamente familiar a nós e nunca completamente conhecido, desvendado.”. Dentre as ilusões, estaria a de “[...] acreditar que a potência de mutação do corpo – graças aos progressos científicos e tecnológicos – o tornaria sem limites” (*infra*). Ao que chama de “corpo sem limites”, ela vai aproximar dos regimes totalitários e do “embotamento” do pensamento que nos sonda e que permite tornar cotidiano o assassinato de certos corpos, seu vilipêndio, sua exclusão.

Diante disso que não se desvende, mas que solicita uma análise, uma ética e uma política é que este Dossiê se constitui, na urgência histórica em que, hoje, nos encontramos.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 2, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990. Semestral.
- BARAD, Karen. **Performatividade pós-humanista**: para entender como a matéria chega à matéria. Trad. Thereza Rocha. *Vazantes*, v. 1, n. 1, p. 5-34, 2017.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 2006.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. Trad. de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. Rev. técnica Daniel Yago Françoli, Carla Rodrigues e Pedro Taam. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. de Renato Aguiar. Rev. técnica Joel Birmann. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTTURI JUNIOR, Atilio. O HIV, o ciborgue, o tecnobiodiscursivo. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 2, p. 637-657, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132019000200637&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 nov. 2020.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da Crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 111-126.
- CROSSLEY, Nick. Body-subject/body-power: agency, inscription and control in Foucault and Merleau-Ponty. **Body and Society**, London, Nova Delhi, v. 2, n. 2, p. 99-116, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 3. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DREYFUS, Hurbert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, beyond structuralism and hermeneutics**. 2. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1992 [1983].
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Trad. de Raquel Ramallete. 41. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013a.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Trad. de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013b.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade** – curso no Collège de France, 1975-1976. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 4. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994 [1963].

FOUCAULT, Michel. Poder-corpo. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 14. ed. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009 [1975]. p. 145-152.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 14. ed. Tradução. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009 [1971]. p. 15-37.

FUNCK, Susana Bornéo. “Mulher e literatura”. *In*: FUNCK, Susana Bornéo. **Crítica literária feminista: uma trajetória**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 19-26.

JOBIM, José Luís (org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. São Paulo: Autêntica, 2019. Tradução: Stéphanie Borges.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. *In*: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 399-422.

MEISSNER, Hannah. La política como encuentro y responsabilidad: aprender a conversar con los otros enigmáticos. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 935-944, maio-ago. 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora d’Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2009 [1962].

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2002 [1886].

ORO, Ari Pedro. As religiões afro-gaúchas. *In*: SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (org.). **RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 123-133.

PEDRO, Joana Maria; LEMES, Luana Borges. A “primavera das mulheres” nos impasses atuais da democracia no Brasil. *In*: PEDRO, Joana Maria; ZANDONÁ, Jair. **Feminismos e democracia**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019. p. 67-86.

PRECIADO, Paul Beatriz. **Texto yonque**. Madrid: Espasa, 2008.

RODRIGUES, Carla. “Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Butler no Brasil”. **Em construção**, n. 5, p. 59-72, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/40523>. Acesso em: 25 out 2020.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 365-373, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100365&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 02/11/2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-82.

SEVERO, Renata Trindade; BARBOZA, Gabriela. **O homem na língua, o humano na linguagem**: pistas benvenisteanas para pensar cultura e significação. Florianópolis, 24 set. 2020. Projeto Linguística Live. Instagram: @linguisticaufsc. Disponível em: https://www.instagram.com/tv/CFiCnGPBSZr/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 01 out. 2020.

SORJ, Bila. Estudos de gênero: a construção de um novo campo de pesquisas no país. In: COSTA, Albertina de Oliveira; MARTINS, Angela Maria; FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Uma história para contar: a pesquisa na Fundação Carlos Chagas**. São Paulo: Annablume, 2004. p. 119-140.

SOUZA, Pedro de. O efeito de presença que se produz na e pela voz. **Linguagem e Ensino**, v. 21, n. 2, p. 134-144, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15166>. Acesso em: 03 nov. 2020.

TELLES, Norma. Autor+a. In: JOBIM, José Luis (org.). **Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 45-63.